



ID: 50766408

13-11-2013 | Negócios Mais

**m+**  
negócios mais.  
edição especial

✓ **LAGINHA DE SOUSA**  
Bolsa é um "instrumento de cidadania"

✓ **INVESTIMENTO**  
Há mais oportunidades na Europa que nos EUA

Este suplemento é parte integrante do Jornal de Negócios nº 2627, de 13 de Novembro de 2013, e não pode ser vendido separadamente

**VEJA MAIS EM NEGOCIOS.PT**

# Conhecimentos postos à prova

O "Jogo da Bolsa", uma parceria do Negócios com a GoBulling, arrancou esta segunda-feira Mais de 2.700 concorrentes estão a testar os seus conhecimentos sobre os mercados

CONFERÊNCIA  
"A retoma dos Mercados após a crise"

ISCTE - IUL 1972-2012  
Instituto Universitário de Lisboa

Bruno Simão

Pub

[www.jogodabolsa.negocios.pt](http://www.jogodabolsa.negocios.pt)

Organização: **GoBulling.com**

Acima de tudo **negocios**





ID: 50766448

13-11-2013 | Negócios Mais

Jogo da Bolsa

LUÍS LAGINHA DE SOUSA

# “Tem de haver o desígnio de haver mais empresas na bolsa”

Presidente da Euronext defende que se trata de “um instrumento de cidadania”

ABEL FERREIRA

## Dificultar a saída é um bloqueio à entrada das empresas



Bruno Simão

Luís Laginha de Sousa | O presidente da NYSE Euronext Lisboa assinalou que, este ano, temos assistido a um maior dinamismo em termos de estreias em bolsa.

A bolsa nacional vive um período de “jejum” de estreias em bolsa, que deverá ser interrompido em breve com a privatização dos CTT. Mas, em sentido inverso, outras empresas saíram do mercado de capitais, como foi o caso da Brisa. Abel Sequeira Ferreira, presidente da Associação de Empresas Emitentes (AEM) considera que é um processo natural e que não se deve bloquear a saída das cotadas.

“As empresas não fizeram um casamento para a vida com o mercado. É um processo natural que queiram estar no mercado e depois sair”, defende Abel Sequeira Ferreira. Para o presidente da AEM, “dificultar a saída é um bloqueio à entrada” das cotadas. Por isso, ainda que os últimos anos tenham sido marcados pela ausência de estreias em bolsa, Portugal deve encontrar um modelo “equilibrado” neste aspecto e que, do ponto de vista fiscal, deve ser marcado pela estabilidade, neutralidade e simplicidade.

Em 2012, o peso as emissões de ações ou obrigações contribuíram em 0,6% para o financiamento das empresas. Um nú-

RAQUEL GODINHO  
godinho@negocios.pt

Numa altura em que a bolsa nacional se prepara para receber novas cotadas, Luís Laginha de Sousa defende que a dispersão do capital das empresas deve ser visto como um “desígnio”. Para o presidente da NYSE Euronext Lisboa, trata-se de um “instrumento de cidadania” que, ao mesmo tempo, contribui para o financiamento das empresas para a criação de riqueza.

Coube ao presidente da NYSE Euronext Lisboa a apresentação de encerramento da conferência “A reforma dos mercados após a crise”. Luís Laginha de Sousa explicou que a redução da volatilidade nos mercados a que temos assistido, nos últimos meses, “tem permitido melhores condições para os IPO” (ofertas públicas iniciais). Deste modo, em 2013, foram já colocadas em bolsa 172 empresas na Europa, o equivalente a dois mil milhões de euros de investimento.

## As empresas cotadas têm sido um elemento fundamental na criação de riqueza e desenvolvimento.

LUÍS LAGINHA DE SOUSA  
NYSE Euronext Lisboa

Em Portugal, também são esperadas novas estreias em bolsa, nos próximos meses. O Governo vai privatizar os CTT e a dispersão do capital deverá ocorrer até ao final do ano. Luís Laginha de Sousa acredita que a economia nacional tem “a necessidade de capitalizar as empresas” como um dos principais desafios. Para ilustrar esta ideia, apresentou os últimos dados do Banco de Portugal que demonstram que “as empresas têm níveis de autonomia financeira muito baixos”.

Em média, a autonomia financeira das companhias nacionais é de 36%. Além da fragilidade financeira, esta realidade impede o crescimento das empresas. A dispersão do seu capital em bolsa é um dos instrumentos de financiamento disponíveis, que traz também benefícios à economia. “As empresas cotadas têm sido um elemento fundamental na criação de riqueza e desenvolvimento”, frisou Luís Laginha de Sousa, ao lembrar um artigo recente da “The Economist”.

Deste modo, “tem que haver o desígnio de haver mais empresas disponíveis para ter o seu capital aberto a uma base maior de investidores”, considera o presidente da NYSE Euronext Lisboa. A cotação das empresas “é um instrumento de cidadania, de democracia”, disse. Luís Laginha de Sousa lembrou que a Comissão Europeia tem em estudo um programa para facilitar a colocação em bolsa, nomeadamente ao “aligeirar os custos administrativos”. “A reforma em Portugal tem que ter isto em atenção”, frisa.

O presidente da NYSE Euronext Lisboa analisou também a mensagem transmitida pelos mercados, à luz dos desempenhos recentes. Em 2013, temos verificado um “registo muito positivo na maioria dos mercados accionistas”, o que pode ser visto como “um registo de esperança para o futuro”. “O comportamento dos índices traduz o consenso relativamente generalizado entre os investidores que antecipam uma inversão económica”, acredita.



Abel Ferreira frisa que as emissões de obrigações e ações pesam 0,6% no financiamento.

mero que Abel Sequeira Ferreira qualifica de “constrangedor”. Por outro lado, o presidente da AEM considera que as empresas nacionais “não estão preparadas” para os requisitos de transparência e de modo de governação associados à colocação em bolsa.

Abel Sequeira Ferreira acredita que os mecanismos para incentivar as empresas a olharem para a bolsa como um meio de financiamento “não estão suficientemente desenvolvidos no mercado português”. E, por outro lado, os mercados funcionam mais “numa lógica de negociação pura do que de financiamento”, frisa.